

EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA E AUTOESTIMA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

Eduarda Feit ¹
Márcia Luana Patzlaff ²
Marcia Spezia ³
Leandro Oliveira Rocha ⁴

Este trabalho foi elaborado com base nas experiências construídas ao longo do primeiro semestre do ano de 2023, como bolsistas Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, e tem o objetivo de relacionar a autoestima dos estudantes com as experiências em sala de aula. É importante salientar que essa proposta de trabalho emerge da possibilidade de compreender a autoestima como um indicador social fundamental para entender a relação entre conhecimentos construídos e o progresso pessoal (DIOGO, 2009), o que sugere que as experiências em sala de aula podem ser relacionadas com a autoestima dos estudantes.

Conforme identifica Barreto (2010), a construção da autoestima ocorre por meio das experiências vividas, sobretudo no contexto familiar, e se consolida através de relações estabelecidas em diversos contextos sociais, inclusive na escola. Nesse caso, porque na escola os estudantes têm a possibilidade de acessar, produzir e compartilhar conhecimentos que potencializam a sua capacidade de se posicionar nas mais variadas situações do cotidiano, seja no ambiente escolar ou fora da escola. Logo, uma educação baseada no respeito às diversidade, na valorização das experiências prévias e na construção de laços afetivos marcados pela confiança, bondade e acolhimento são essenciais para o desenvolvimento da autoconfiança e, por conseguinte, da autoestima. Desse modo, é muito importante termos cuidado com as palavras ao nos comunicarmos com uma criança/adolescente para que assim, haja carinho e a construção de uma relação saudável e de confiança (BARRETO, 2010).

A opção por relacionar a autoestima com o contexto vivido em sala de aula emerge das observações realizadas em uma turma de 5º Ano do Ensino Fundamental, da escola pública

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari-Univates-RS, eduarda.feit@universo.univates.br

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari-Univates-RS, marcia.patzlaff@universo.univates.br

³ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil-ULBRA-RS, Supervisora do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), mspezial@universo.univates.br;

⁴ Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; professor da Universidade do Vale do Taquari, Coordenador do Subprojeto Pedagogia e Educação Física do PIBID, leandro.rocha@univates.br

municipal onde desenvolvemos nossas atividades como bolsistas PIBID. Nesse caso, uma turma composta por 28 estudantes, sendo que duas estudantes precisam de Atendimento Educacional Especializado (AEE) porque possuem laudo médico - déficit de atenção, conforme informado pela supervisão da escola - e outros nove estudantes frequentam as aulas de reforço que ocorrem no contraturno.

Junto à escola, foram realizadas três observações de aulas, cada uma com quatro horas de duração, e uma entrevista com a equipe diretiva da escola composta por um roteiro de 15 perguntas, as quais foram esclarecidas pela supervisora do educandário durante visita à escola. Além disso, realizamos a leitura do Projeto Político Pedagógico da escola e dialogamos com a professora titular sobre as características da turma, a sua proposta pedagógica e planejamento das aulas observadas. É importante destacar que ao longo das observações interagimos com os estudantes, conversamos sobre as atividades da aula e assuntos diversos, momento em que identificamos que há um grande número de estudantes que necessitam de ajuda constante para acompanhar e realizar as atividades propostas pela professora.

Por meio das observações, foi possível identificar que os estudantes apresentam grandes dificuldades na leitura e escrita. Sabe-se que é uma construção que parte de vários pontos e que viemos de tempo de pandemia, onde muitas dessas crianças, devido a sua pouca oportunidade de acesso e sua fragilidade social, não a vivenciaram de forma satisfatória, apresentando ainda lacunas nesse processo. É claro que cada criança tem seu tempo de aprendizado e isso deve ser respeitado. Porém, se fazem necessárias medidas complementares e que auxiliem de forma diversificada cada aluno, o que não é fácil, uma vez que em uma turma com 28 estudantes e a professora nem sempre encontra tempo suficiente para dar a devida atenção aos que mais necessitam.

Durante a observação notou-se ainda que nem todas as crianças tinham motivação necessária para fazer a atividade sugerida, pois não se sentiam capazes de realizá-las, ou, ainda, com medo de serem ridicularizados pelos colegas no caso de errarem. Segundo a professora titular, o medo de errar, somado à dúvida sobre as próprias capacidades, leva alguns estudantes a se isolarem, a preferir o silêncio, demonstrando pouca participação em aula e respondendo somente o que é solicitado diretamente pela professora, o que gera um desconforto nas atividades de grupo e em sala de aula. Na leitura de textos realizada pelas crianças no dia da observação, os mesmos estavam envergonhados, cometendo trocas frequentes, com dificuldades significativas de interpretação. Esse fato, segundo a professora, é recorrente na turma, onde as crianças têm medo de errar, de se frustrar. Por isso, em análise

geral, notamos uma certa dificuldade na hora de fazer as atividades por não acreditarem na sua capacidade e também por falta de motivação. Por conseguinte, essa ideia de incapacidade demonstra que é de extrema importância trabalharmos a questão da autoestima no espaço escolar, para assim, promover uma melhor relação entre estes indivíduos dentro e fora da escola. Todavia, também observamos que as interações cotidianas entre os estudantes e destes com os professores, nos diversos momentos da vida na escola, são marcadas pelo respeito. Inclusive conosco, como bolsistas PIBID, que fomos acolhidas por todos durante o tempo que estivemos presentes no espaço escolar. Isso indica que há possibilidades de estabelecer relações afetivas que possam contribuir para que os estudantes sintam-se capazes e autoconfiantes.

Destarte, com base nas experiências construídas na escola, alguns pontos ficaram evidentes ao analisarmos as observações de aulas. Em primeiro, que os estudantes que necessitam de atenção constante e individualizada, pois apresentam dificuldades em sua aprendizagem, o que torna-se difícil com uma turma tão numerosa e diversificada. E ainda, que muitos desses alunos apresentam baixa autoestima, não acreditando em seu potencial e se desmotivando em relação aos estudos e interações sociais, pois muitas vezes, se limitam ao que já vivem ou conhecem e não são estimulados como deveriam a buscar um caminho melhor e construir um futuro diferente. Em segundo, que as emoções devem ser levadas em consideração na aprendizagem, pois elas influenciam no relacionamento escolar dos alunos. Sabemos que uma formação negativa a respeito do dia a dia escolar muitas vezes traz bloqueios quanto a capacidade de cada um. Conforme Briggs (2002), a autoestima constitui a “mola” que pode impulsionar para o sucesso ou o fracasso. Quando se tem algo positivo é algo saudável para conquistas futuras e assim, não se frustrando diante das situações do cotidiano. Logo, o estudante precisa ter um aspecto positivo de si, pois isso traz uma relação de imagem satisfatória, sendo que assim ele evita as frustrações negativas diante das situações em convívio escolar com os demais colegas.

Sabemos que quando a autoestima é trabalhada em sala de aula ou em diferentes situações de atividade a criança é instigada a participar de diferentes maneiras, e com isso trazendo uma boa relação com os demais colegas e professores. Como já dizia Freire (1996, p. 50) “ensinar exige consciência do inacabamento”, sendo que é possível perceber que as experiências vividas no dia a dia elevam a autoestima do indivíduo. Há estudantes que não se aceitam do jeito que são porque muitas vezes só percebem suas limitações e não as suas potencialidades, e isso acaba interferindo na vida escolar e no avanço intelectual. Segundo Bermúdez (2001), uma das condições para o sucesso escolar é a manutenção de uma boa

autoestima porque a autoestima positiva está associada a um bom desempenho e rendimento na realização de tarefas.

Portanto, ao final da pesquisa, foi possível identificar que a escola possui uma equipe diretiva e professores preocupados com o bem estar dos estudantes e com a manutenção de relações de respeito e cuidado. Porém, conforme as características das próprias crianças da turma, ainda é preciso criar meios de mobilizar o envolvimento ativo nas atividades pedagógicas que compõem a proposta de ensino com o intuito de alavancar os seus processos de aprendizagens. Nesse sentido, construir meios de fomentar a autoestima parecem cruciais para que os estudantes assumam o erro e as falhas como partes do processo e tenham clareza de que estão aprendendo a cada aula e que podem ser mais (FREIRE, 1996).

Assim, encontramos relações entre as experiências em sala de aula com a autoestima. Sendo que, trabalhar sobre a autoestima é algo que deve ser sempre estimulado, independente das idades, pois todos tem momentos em que precisam lidar com frustrações, medos e inseguranças. Ao final desse relato, aprendemos que acreditar em si, na própria capacidade de solucionar problemas, é uma habilidade imprescindível e que deve ser construída com amor e responsabilidade. Inclusive na escola, local onde é possível aprender, conhecer, transformar e construir ideias, seja sobre o mundo, seja sobre nós mesmos.

Palavras-chave: Pibid; Autoestima; Experiências em sala de aula; Relato de experiência.

REFERÊNCIAS

DIOGO, F. V. Relação familiar é autoestima. **Investigação**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 17-24, jan./abr.2009.

BRIGGS, D. C. **A autoestima do seu filho**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BARRETO, A. **Manual: cuidando do cuidador-resgate da autoestima na comunidade**. Fortaleza: [s.n.], 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.